

**AJES - FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ADMINISTRAÇÃO DO
VALE DO JURUENA
CURSO: BACHARELADO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

**CUSTO DA PRODUÇÃO DO CAFÉ, DO PLANTIO ATÉ O BENEFICIAMENTO
PARA AS INDÚSTRIAS: ESTUDO DE CASO NA CHÁCARA SAGRADA FAMILIA**

Autor: Rogério Delise Fonseca

Orientadora: Prof^a. Esp. Jaqueline da Silva Marques

JUÍNA/2016

**AJES - FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ADMINISTRAÇÃO DO
VALE DO JURUENA
CURSO: BACHARELADO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

**CUSTO DA PRODUÇÃO DO CAFÉ, DO PLANTIO ATÉ O BENEFICIAMENTO
PARA AS INDÚSTRIAS: ESTUDO DE CASO NA CHÁCARA SAGRADA FAMÍLIA**

Autor: Rogério Delise Fonseca

Orientadora: Prof^a. Esp. Jaqueline da Silva Marques

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciência Contábeis da AJES - Faculdade de Ciências Contábeis e Administração do Vale do Juruena, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis.

JUÍNA/2016

**AJES – FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ADMINISTRAÇÃO DO VALE
DO JURUENA**

BANCA EXAMINADORA

Msc. Wilson Antunes de Amorim
Membro da Banca

Prof^a Esp. Nataniel Tomasini
Membro da Banca

ORIENTADORA
Prof^a Esp. Jaqueline da Silva Marques

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais,
filho, esposa, amigos e professores,
que sempre me apoiaram e
incentivaram minha formação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me abençoado com a oportunidade de cursar uma faculdade, por ter me dado força e motivação para passar esses quatro anos de curso, que foram cansativos, mas gratificante, pelas amizades, conhecimento e objetivos alcançados.

Agradeço aos meus pais, pela a confiança e por patrocinar meus estudos, minha esposa e filho, meu irmão e familiares, que sempre me apoiaram e incentivaram dia após dia no decorrer desses quatro anos, apoiando nas horas difíceis.

Aos meus amigos de sala, que durante esses anos foram verdadeiros companheiros, um ajudando o outro, uma verdadeira família de culturas e pensamentos diferentes, tenho a certeza que cada um de nós aprendeu um pouco com o outro.

O diferencial da nossa turma foi o companheirismo e a união em sala, que facilitou a convivência e o aprendizado.

Quero agradecer a todos os professores que passaram pela nossa turma, cada um com seu método de ensino, mas todos com intuito de nos ensinar e ajudar para que tivéssemos uma ótima qualidade no ensino, visando o futuro profissional.

Por fim agradeço a minha orientadora, Jaqueline da Silva Marques, que foi umas das grandes professoras que passou pela nossa turma e em nenhum momento me deixou na mão, sempre me incentivou, cobrando e passando o conteúdo proposto da melhor forma possível, em todos os momentos sempre disposta a ajudar.

EPÍGRAFE

“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades,
lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram
conquistadas do que parecia impossível.”

Charles Chaplin

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a rentabilidade e os custos na produção do café da Chácara Sagrada Família, distrito de Terra Roxa, município de Juína – MT, propriedade do Sr. Nivaldo Ferreira Fonseca. O estudo foi realizado em uma parte separada da propriedade, como uma área total de 4,84 (quatro hectares e oitenta e quatro ares), com oito mil pés de café, por um período de 36 meses, começando em 2013 com o plantio e finalizando em 2016 na primeira colheita. Neste trabalho são apontados no referencial teórico os vários ramos da contabilidade, como a contabilidade gerencial, contabilidade comercial, contabilidade de custos, contabilidade rural, contabilidade da pecuária e contabilidade agrícola. Serão expostos conceitos sobre as culturas temporárias e permanentes, custos na contabilidade rural, custos diretos e indiretos, despesas fixas e variáveis. Apresentar-se-á a Chácara Sagrada Família, os custos na produção do café, com o plantio e manutenção da lavoura no período de 36 meses, com a colheita e beneficiamento, dessa forma são apuradas as receitas, os demonstrativos de apuração do resultado, com DRE e análise dos custos e da rentabilidade incorridos no período 36 meses, da área total e à cada hectare de café. O trabalho foi elaborado com pesquisas bibliográficas para a fundamentação teórica, pesquisa de campo e apuração dos resultados, de forma “qualitativa” através de coleta de dados referente aos custos e a rentabilidade na produção café, bem como informações obtidas por meio de entrevista com o produtor. Portanto, acrescenta-se um estudo voltado para área agrícola, mostrando, de forma geral, como funciona o cultivo do café nas pequenas propriedades do município de Juína – MT.

Palavras-chave: Produção, Café, Rentabilidade, Produtor.

LISTA DE SIGLAS

SEAF	Secretaria de Estado da Agricultura Familiar e Assuntos Fundiários.
PV	Preço de Venda

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Custos da Plantação.....	30
Tabela 2 Manutenção da Lavoura	31
Tabela 3 Custo com Manutenção da Lavoura 3º ano.	32
Tabela 4 Custo com Colheita (2016)	33
Tabela 5 Custo com Beneficiamento	34
Tabela 6 Receita	35
Tabela 7 Depreciação 04 anos	36
Tabela 8 Tabela de Custos 1º colheita.....	37
Tabela 9 DRE - SIMPLIFICADA.....	37
Tabela 10 Custo bruto por hectare	38
Tabela 11 Lucro Líquido por Hectare 1º ano.....	39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO	11
1.2 PROBELMA.....	12
1.2.1 OBJETIVO GERAL.....	12
1.2.2 OBJETIVO ESPECIFICO	12
1.3 JUSTIFICATIVA.....	13
1.4 DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	13
1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO.....	14
2 REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 CONTABILIDADE.....	15
2.2 RAMOS DA CONTABILIDADE	15
2.2.1 CONTABILIDADE GERENCIAL.....	16
2.2.2 CONTABILIDADE COMERCIAL	16
2.2.3 CONTABILIDADE DE CUSTO	17
2.2.4 CONTABILIDADE RURAL	18
2.2.5 CONTABILIDADE DA PECUÁRIA.....	19
2.2.6 CONTABILIDADE AGRICOLA.....	19
2.3 CULTURA TEMPORÁRIA.....	19
2.4 CULTURA PERMANENTE	21
2.5 CUSTOS NA CONTABILIDADE RURAL	22
2.5.1 CUSTOS DIRETOS	23
2.5.2 CUSTOS INDIRETOS.....	23
2.5.3 DESPESAS VARIÁVEIS	24
2.5.4 DESPESAS FIXAS	24
2.6 EXAUSTÃO	25
2.7 DEPRECIAÇÃO.....	25
3 METODOLOGIA	27
3.1 QUANTO AOS FINS.....	27
3.2 QUANTO AOS MEIOS	28
4 ESTUDO DE CASO	29
4.1 CHACARÁ SAGRADA FAMILIA.....	29

4.2 CUSTO NA PRODUÇÃO DO CAFÉ.....	29
4.3 PLANTIO: 1º ANO / 2013	30
4.4 CUSTOS NA MANUTENÇÃO DA LAVOURA 2º ANO / 2014	31
4.5 CUSTOS MANUTENÇÃO DA LAVOURA 3º ANO / 2015.....	32
4.6 CUSTO COM COLHEITA	32
4.7 CUSTOS COM BENEFICIAMENTO	34
4.8 APURAÇÃO DA RECEITA.....	35
4.9 DEPRECIAÇÃO	35
4.10 APURAÇÃO DO RESULTADO	36
4.11 CUSTO POR HECTARE.....	38
4.12 RENTABILIDADE POR HECTARE	39
5 CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A cafeicultura no Brasil é uma atividade desenvolvida com fins econômicos desde os primórdios do país. Devido ao clima favorável essa atividade alavancou a produção do café por todo o país, inclusive no estado de Mato Grosso.

O município de Juína fica entre as cidades consideradas rota do Café no estado de Mato de Grosso, pela forte participação na produção, destacando - se o Distrito de Terra Roxa, cerca de 60 km da sede do município de Juína – MT, onde se encontram vários produtores de café.

O estudo de custo na produção do café no município visa apurar a rentabilidade e o lucro por hectare de café, levantar os custos diretos e indiretos no processo da colheita, secagem, e por último o beneficiamento do café em grão, em que será descascado e embalado, em sacos de estopa de 60 quilos, pronto para a comercialização nas indústrias do país e até mesmo para exportação.

De acordo com a Revista Cafeicultura (2004), a cultura do café foi introduzida no Brasil com foco no mercado doméstico, mas devido às ótimas condições climáticas e num curto espaço de tempo se destacou. Rapidamente o café passou a ser o produto-base da economia brasileira em meados de 1825, iniciando então um novo ciclo econômico.

Conforme a revista digital Olhar Direto (2004), o estado do Mato Grosso não figura entre os maiores produtores do grão (café), tendo em vista que o clima não favorece esse tipo de cultivo. Para o ano de 2016 é esperada uma queda na produção, de até 22% (vinte e dois por cento), em virtude do tempo seco e retardo das chuvas.

O governo do estado, através da Secretaria de Estado de Agricultura Familiar e Assuntos Fundiários- SEAF/ MT, tem realizado treinamento com o programa Pro-café MT no intuito de auxiliar os pequenos produtores e dotá-los do conhecimento necessário para a atividade, com foco no ganho de produtividade e consequentemente na viabilização da atividade produtiva, principalmente nos municípios que compõem a Rota do Café (Colniza, Cotriguaçu, Nova Bandeirantes,

Alta Floresta e Rondolândia). No entanto, a orientação por meio de cursos é realizada em todo o Estado.

No município de Juína – MT, alguns produtores foram destaque na 3ª Edição do Prêmio Mitsui Alimentos, de Qualidade do Café Mato-grossense (2004). A Mitsui é uma multinacional japonesa, tradicional, ligada à marca Café Brasileiro, renomada mundialmente pela qualidade de seus produtos. Dentre os produtores, reconhecidos no estado de Mato Grosso, o produtor Nivaldo Ferreira Fonseca, é proprietário da Chácara foco deste estudo de caso.

Abordar-se-á o estudo de custos, a produção do café com base nas etapas da atividade nesta região (Distrito de Terra Roxa), tendo em vista que é a região com maior produção do grão no município. Bem como, análises das condições nas etapas: plantio, crescimento, colheita, secagem, e beneficiamento para a comercialização destinadas às indústrias do Estado.

1.2 PROBELMA

Qual o custo e a rentabilidade que o produtor rural da Chácara Sagrada Família do município de Juína MT, tem por hectare de café, desde o plantio até a primeira colheita.

1.2.1 OBJETIVO GERAL

Apurar os custos e a rentabilidade na produção do café da Chácara Sagrada Família no Município de Juína – MT, no período de 36 meses do ano de 2013 à 2016.

1.2.2 OBJETIVO ESPECIFICO

- Realizar um estudo bibliográfico sobre as teorias da contabilidade rural;
- Realizar um estudo de caso na Chácara Sagrada Família, no Distrito de Terra Roxa, Município de Juína – MT;
- Apurar os Custos e a rentabilidade decorrentes do Plantio, Colheita e beneficiamento do café em um período de 36 meses, no ano de 2013 à 2016.

1.3 JUSTIFICATIVA

O estudo foi desenvolvido para analisar os custos e a rentabilidade na produção do café, na Chácara Sagrada Família, Distrito de Terra Roxa, município de Juína-MT, de maneira a levantar os custos no plantio do café até a primeira colheita e dessa forma auxiliar o produtor nas tomadas de decisões. Trata-se do primeiro trabalho realizado sobre os custos na produção de café, na Faculdade de Contabilidade e Administração do Vale do Juruena – Ajes.

Esse estudo justifica-se pela relevância junto aos produtores pois possibilitará uma visão geral de sua propriedade, mostrando como são apurados os resultados em um determinado período. E também para a instituição de ensino que acrescentará estudos e pesquisas em uma área pouco conhecida no meio acadêmico.

Uma pesquisa essencial para a região, haja vista Juína situar-se entre as cidades consideradas a Rota do Café, no estado de Mato Grosso, bem como por sua forte participação na produção do café, destacando-se o Distrito de Terra Roxa, onde será feito o estudo de caso. Desta forma ajudar o produtor em tomadas de decisões na propriedade citada e auxiliar os diversos leitores a compreenderem a importância do custo de produção no cultivo do café.

1.4 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Esse trabalho limita-se a demonstrar de forma geral, a rentabilidade e os custos que ocorrem na produção do café, plantio e colheita até a fase final do beneficiamento do produto acabado e pronto para a comercialização das indústrias. O estudo será analisado em uma área separada da propriedade com área de 4,84 (quatro hectares e oitenta e quatro ares), que corresponde a 48.400 mil metros quadrados, uma capacidade de plantação de 8 mil pés de café. E através das informações apuradas nesse período verificar a rentabilidade por hectare plantado.

1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO

Este trabalho está dividido em cinco capítulos, organizados da seguinte maneira:

Capítulo I – Introdução, problema, objetivo específico, justificativa, delimitação do tema, estrutura do trabalho.

Capítulo II – Referencial teórico, contabilidade, ramos da contabilidade, contabilidade gerencial, contabilidade comercial, contabilidade de custo, contabilidade rural, contabilidade da pecuária, contabilidade agrícola, cultura temporária, cultura permanente, custo na contabilidade rural, custos diretos, custos indiretos, despesas variáveis, despesas fixas, exaustão, depreciação.

Capítulo III – Metodologia, quanto aos fins e quanto aos meios.

Capítulo IV – Estudo de caso, chácara sagrada família, custo na produção do café, plantio 1º ano de 2013, custo na produção da lavoura 2º ano 2014, custos manutenção da lavoura 3º ano 2015, custo com colheita, custo com beneficiamento, apuração da receita, depreciação, apuração do resultado, DRE-simplificada, custo por hectare, rentabilidade por hectare.

Capítulo V – Conclusão.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONTABILIDADE

A Contabilidade surgiu da necessidade do homem controlar seus bens e organizar sua vida financeira.

De acordo com Ribeiro (2009, p. 02) afirma que a “Contabilidade é a ciência que estuda e pratica as funções de orientações, de controle e de registro relativas à administração econômica”.

Entretanto, com o avanço da atividade comercial se desenvolvendo de forma acelerada, também aumentou a preocupação com as propriedades da riqueza, ou seja, capital, tanto para os homens da antiguidade quanto para os homens da atualidade. Desta forma, o homem precisou aperfeiçoar seus instrumentos de avaliação da situação patrimonial para garantir um controle exato dos bens e mensurar ativos e passivos.

Contabilidade é a ciência (ou técnica, segundo alguns) que estuda, controla e interpreta os fatos ocorridos no patrimônio das entidades, mediante registro, demonstrações expositivas e revelação desses fatos, com o fim de oferecer informações sobre a composição do patrimônio, suas variações e, o resultado econômico decorrente da gestão da riqueza patrimonial. (FRANCO, 1990, p. 121).

A contabilidade vem se destacando, entre as outras profissões, visto que auxilia no desenvolvimento das empresas, através de demonstrações contábeis, observando a real situação da empresa, verificando lucro ou prejuízo.

2.2 RAMOS DA CONTABILIDADE

A contabilidade é uma ferramenta de trabalho essencial para o bem estar financeiro dentro de qualquer atividade comercial, no entanto para facilitar esse controle, com o passar do tempo a contabilidade dividiu-se para atender cada setor específico em sua área de atuação.

Dentro dos vários ramos da contabilidade há a Contabilidade Gerencial, voltada à administração de empresas, a Contabilidade Comercial que analisa os

fatos ocorridos no patrimônio da empresa, Contabilidade de Custo, responsável por levantar os custos ocorridos na produção de um produto e Contabilidade Rural, que diz respeito às empresas rurais.

2.2.1 CONTABILIDADE GERENCIAL

As informações da contabilidade gerencial são usadas pela administração da empresa e incluem dados históricos, estimativas para a realização dos trabalhos e na condução de operações diárias, planejamento de operações futuras, objetivos para alcançar e desenvolvimento de estratégias para um melhor desenvolvimento dentro da empresa.

A contabilidade gerencial, num sentido mais profundo, está voltada única e exclusivamente para a administração da empresa, procurando suprir informações que se “encaixem” de maneira válida e efetiva no mercado decisório do administrador. (IUDÍCIBUS, 1998, p. 21)

A Contabilidade Gerencial auxiliará com dados para a tomada de decisão de caráter corrente e de natureza estratégica. A contabilidade gerencial, num sentido mais profundo, está voltada única e exclusivamente para a administração da empresa, procurando suprir informações para se encaixar de maneira válida e efetiva ao administrador da empresa.

2.2.2 CONTABILIDADE COMERCIAL

A atividade comercial é aquela exercida pela empresa, seja de grande ou pequeno porte, com o papel de mediar compradores e vendedores de mercadorias sem qualquer transformação no produto, de maneira a conseguir uma margem de lucro, no comércio entre a diferença dos preços de venda e o preço de compra.

Atualmente é imprescindível elencar os impostos obtidos nas transações de compra e venda de mercadorias, desta forma a Contabilidade Comercial terá por finalidade mostrar ao contador e ao empresário as variações no patrimônio da empresa em virtude das operações de compra e venda.

Podemos, pois, conceituar a Contabilidade Comercial da seguinte forma: É o ramo da Contabilidade aplicado ao estudo, controle e interpretação dos

fatos ocorridos no patrimônio das empresas comerciais, mediante registro, demonstração expositiva e revelação desses fatos, com o fim de oferecer informações sobre a composição do patrimônio, suas variações e o resultado econômico decorrente da atividade mercantil. (FRANCO, 1990, p. 13).

Também é possível analisar através da Contabilidade Mercantil, mais minuciosa for a demonstração dos lucros obtidos com essa atividade a compra e a venda de mercadorias, atingindo sua perfeição quando demonstrar o resultado final de cada unidade comercializada.

2.2.3 CONTABILIDADE DE CUSTO

Contabilidade de Custos é o ramo da contabilidade que se destina a produzir informações para os diversos setores dentro de uma empresa independente de seu ramo de atuação, servindo de auxílio às funções de determinação de desempenho, planejamento, possibilitando uma visão futura da empresa, auxiliando o responsável pela empresa em suas tomadas de decisões.

Segundo Leone (2008, p. 125), a contabilidade de custo tem como finalidade levantar todos os dados necessários para a mensuração dos gastos ocorridos diretos ou indiretamente na produção. Dentro desse ramo da contabilidade ocorre a coleta de dados, ou seja, as informações de todos os gastos ocorridos em um processo de produção. Após essa coleta de informações, os dados operacionais das diversas atividades são classificados e registrados, são nomeados de dados internos, e algumas vezes são coletados e organizados dados externos.

Esses dados coletados podem ser tanto monetários como físicos, os dados físicos operacionais são as unidades produzidas do produto, horas trabalhadas, quantidade de requisições de matérias e de ordens de produção entre muitos outros. A combinação de dados monetários e físicos resultam em indicadores gerenciais com grande poder informativo, possibilitando uma visão ampla e sistêmica dentro da empresa.

Em seguida, a Contabilidade de Custo acumula, organiza, analisa e interpreta os dados operacionais, físicos e os indicadores combinados, no sentido de produzir informações para os diversos níveis de administração, operação, relatórios com as informações de custo solicitadas, dessa forma ajudar os administradores.

2.2.4 CONTABILIDADE RURAL

De acordo com Marion (2007, p. 26) “Contabilidade Rural: é a Contabilidade Geral aplicadas as empresas rurais”.

Segundo Crepaldi (2006, p. 25) “Empresa Rural é a unidade de produção em que são exercidas atividades que dizem respeito a culturas agrícolas, criação de gado ou culturas florestais, com a finalidade de obtenção de renda”.

Quando refere-se as empresas rurais, seja familiar ou patronal, independente do ramo de atividade, criação de gado, plantios de soja, milho, cana de açúcar, café e etc. Tudo isso só é possível com um conjunto de recursos, denominados fatores de produção, que necessariamente são classificados em três fatores.

O primeiro deles, e o mais importante para a concretização de qualquer atividade rural, a “terra” pois são extraídos todos os produtos com a finalidade de obtenção de renda.

O segundo fator, o “capital”, é o responsável por fomentar as atividades da empresa, custeando a propriedade em sua produção nas despesas ocorridas até o beneficiamento do produto.

O terceiro “trabalho”, mão de obra, basicamente o responsável por tudo que acontece dentro de empresa rural. De acordo com Crepaldi (2006, p. 25), o fator de produção mais importante para a agropecuária é a terra, pois na terra se aplicam os capitais e trabalha-se para obter a produção.

Porém, em uma atividade rural, deve-se analisar a qualidade e a capacidade de produção da terra, verificar realmente o solo é favorável para o cultivo desejado, e se o tamanho da terra tem chance de produzir uma colheita significativa, para suprir as despesas e obter lucro sobre o capital investido. Desse modo todo produtor rural deve se preocupar e conservar a propriedade, mantendo a terra sempre produtiva através de adubações, calcariamento nos intervalos de safras e controle de erosão.

2.2.5 CONTABILIDADE DA PECUÁRIA

De acordo com Marion (2007, p. 20) “Pecuária é a “arte de criar e tratar gado”, dessa forma a contabilidade da Pecuária está voltada à criação de gado bovino, geralmente criado no campo, no sistema intensivo de pastagem. Mas a grande demanda da “carne” no mercado interno e externo fez surgir os “confinamentos”, tem como finalidade “acabar o boi”, ou seja, os animais são colocados em pequenas repartições, em grandes quantidades e são tratados diariamente com rações e outros suplementos minerais acelerando o processo de engorda até chegar à fase final que é o abate dos animais. É possível citar outros exemplos de gado, dentro da contabilidade da pecuária, tais como bubalinos, caprinos, equinos, ovinos, muares etc.

2.2.6 CONTABILIDADE AGRÍCOLA

Segundo Crepaldi (2006, p. 125), a Contabilidade Agrícola, é o ramo da contabilidade que está voltada diretamente para a agricultura que representa toda a atividade de exploração da terra, seja ela o cultivo de lavouras como café, milho, soja, feijão entre outros e florestas ou na criação de animais, tendo em vista a obtenção de produtos que venham satisfazer as necessidades humanas e a obtenção de lucro.

Os principais produtos de exportação, em nosso país, são basicamente voltados à agricultura, ou seja, café, o açúcar e a soja. O setor agrícola deve desempenhar alguns papéis no processo de desenvolvimento, ou seja, produzir alimentos com custos baixos, “baratos”, e de boa qualidade, produzir matéria-prima para as indústrias nacionais e internacionais, na exportação com o intuito de trazer dinheiro para o país para fomentar a economia, e dar condições e qualidade de vida dignas para os trabalhadores rurais.

2.3 CULTURA TEMPORÁRIA

Quando trata-se do termo “cultura”, independente de sua classificação, trata-se do setor agrícola como visto anteriormente. Culturas Temporárias são aquelas

culturas que possuem um período de vida muito curta, até um ano, ou seja, plantações que se extinguem pela colheita, e para obter outra produção somente com um novo plantio. Entre as culturas temporárias estão o milho, feijão, arroz, soja etc.

Para apurar os custos de uma cultura, seja ela temporária ou permanente, analisa-se os dados e informações coletadas ao longo do seu processo produtivo.

De acordo com Crepaldi (2006, p. 105) os Custos dessa cultura serão contabilizados no decorrer de seu processo produtivo, em uma conta do Ativo Circulante, denominada de “Culturas Temporárias”. Dentre esses custos podemos identificar e mensurar os custos com sementes, utilizadas no plantio, fertilizantes como adubos, defensivos, utilizados no combate às pragas e o principal custo dentro de uma atividade agrícola, a mão de obra. Esses custos se acumulam até a fase final do processo produtivo, ou seja, a colheita.

Após o término da colheita, o saldo da conta de Culturas Temporárias será transferido para a conta de Produtos Agrícolas, e posteriormente serão somados à colheita os custos, para deixar o produto à disposição para a venda. Quando ocorre a venda desse produto transfere-se o valor correspondente a quantidade vendida dos produtos agrícolas para a conta de Custo de Produtos Vendidos, dessa forma é possível calcular o resultado apurando o lucro bruto do período.

Com o plantio realizado e a colheita feita pode-se dizer que o processo produtivo chegou ao final. Como a finalidade é a venda não se pode esquecer um fator importante, dentro de uma empresa agrícola, o armazenamento do produto, seja a longo ou curto prazo. Esse armazenamento pode acontecer por conta de melhores oportunidades de venda, uma forma de atribuir melhor valor ao produto.

Porém na área contábil há a necessidade de realizar esses lançamentos, mas existem divergências quanto a classificação do custo de armazenamento, muitos o confundem com o custo de produção, o que está errado, pois o próprio nome diz “produção”, plantio até a colheita, após o produto está colhido e à disposição para a venda, os gastos com armazenamento serão classificados como Despesas Operacionais, onde também são inclusas as despesas com vendas, administrativas, financeiras.

2.4 CULTURA PERMANENTE

São as culturas que tem seu tempo de vida e de produção superior a um ano e que após a colheita não a necessidade de outro plantio para obter uma nova colheita, somente um tratamento específico para cada plantio. Dentre as culturas permanentes estão às laranjeiras, macieiras, café e etc.

Segundo Oliveira (2008, p. 97), durante sua formação os gastos são acumulados na Cultura Permanente em Formação e Imobilizados, quando atingir sua maturidade e estiver em condições de produção, o saldo da conta cultura em formação será transferida para a conta “Cultura Permanente Formada” e Imobilizado, especificando o tipo de cultura. Porém esta conta está sujeita à contabilização de Exaustão ou Depreciação, a partir do mês em que começar a produzir.

De acordo com Crepaldi (2006), na época da primeira floração, os custos de formação e maturação do produto serão classificados em uma conta do Ativo Circulante – Estoques denominada Colheita em andamento, especificando o tipo de produto. Dentro dos Custos de Formação da Colheita não podemos nos esquecer de adicionar as quotas de depreciação ou exaustão da Cultura Permanente Formada.

Com o encerramento da colheita, transfere-se o saldo acumulado da conta Colheita em Andamento para Produtos Agrícolas, Ativo Circulante – Estoques. Após o produto colhido, os custos de beneficiamento, acondicionamento, silagem, etc., serão classificados na conta Produtos Agrícolas.

Com a venda do produto, o valor correspondente de custos referente a quantia total ou parcial da produção é transferido para a conta de Custo de Produto Vendidos, e com isso apura-se o resultado bruto.

Segundo a legislação do Imposto de Renda, a Cultura Permanente deve ser corrigida monetariamente, já no início de sua formação, enquanto a depreciação ou exaustão somente será contabilizada a partir da primeira colheita, considerando o tempo de vida útil da Cultura. (CREPALDI, 2006, p. 107).

As Culturas Permanentes, tais como as árvores frutíferas, sofrem a depreciação e as culturas ceifadas sofrem exaustão. Nestas culturas as perdas extraordinárias podem ser decorrentes de vários fatores climáticos como, incêndios,

inundações, tempestades e etc. Quando provocam perda total ou parcial da capacidade da cultura, deverão ser consideradas perda do período, sendo baixadas do Ativo Permanente e transferidas para o Resultado do Exercício.

Segundo Crepaldi (2006, p. 109), a Medida que os produtos agrícolas são vendidos, e a baixa do Ativo Circulante para a conta de Custo de Produto Vendidos, haverá o confronto entre a Receita e o Custo do Produto Vendido, verificando – se a confrontação da Despesa com a Receita Realizada.

2.5 CUSTOS NA CONTABILIDADE RURAL

De acordo com Crepaldi (2006, p. 99), custo é o gasto relativo à um bem ou serviço utilizado na produção rural, portanto são todos os gastos da atividade de produção.

Os custos nas empresas rurais estão relacionados aos gastos no cultivo de uma determinada plantação, com o intuito de obter lucros sobre a terra. Esses custos estão relacionados com salários do pessoal, da propriedade rural, ou seja mão de obra, insumos utilizados no processo de produtivo, combustíveis e lubrificantes usados nas máquinas agrícolas, as depreciações dos equipamentos agrícolas, gastos com manutenção.

Despesa. Gasto com bens e serviços não utilizados nas atividades produtivas e consumidas com a finalidade de obtenção de receitas. Em termos práticos, nem sempre é fácil distinguir custos e despesas. Pode – se, entretanto, propor uma regra simples do ponto de vista didático: Todos os gastos realizados com os produtos agrícolas, até que estes estejam prontos, são custos; a partir daí, são despesas. (CREPALDI, 2006 p. 100).

Todos os custos que estão incorporados nos produtos agrícolas, produzidos pela empresa rural, são reconhecidos como “DESPESA” no momento em que os produtos são vendidos, ex. salários e encargos sociais do pessoal do escritório de administração, energia elétrica consumida no escritório, gastos com combustíveis e refeições do pessoal de administração, conta telefônica do escritório.

2.5.1 CUSTOS DIRETOS

De acordo com Leone (2004, p.18) “são todos os custos que se conseguem identificar com as obras, do modo mais econômico e lógico”.

Para Crepaldi (2006, p. 101) custos diretos são aqueles que podem ser diretamente (sem rateio), apropriados aos produtos agrícolas, bastando existir uma medida de consumo (quilos, horas de mão de obra ou máquina, quantidade de força consumida etc.). De modo geral identificam-se aos produtos agrícolas e variam proporcionalmente à quantidade produzida, podem ser apropriados diretamente aos produtos agrícolas porque há uma medida objetiva do seu consumo nesta produção.

É possível citar alguns exemplos, tais como, os Insumos, normalmente, a Empresa Rural sabe qual a quantidade exata de insumos que está sendo utilizado para a produção de uma unidade do produto agrícola. A mão de obra são os custos com os trabalhadores, utilizados diretamente na produção agrícola, material de embalagens, as depreciações de equipamentos agrícolas, energia elétrica das máquinas. Então os custos diretos são os custos que conseguimos mensurar para cada unidade produzida de um produto final.

2.5.2 CUSTOS INDIRETOS

O Custo Indireto não é possível apropriar diretamente a cada tipo de bem ou função de custo no momento de sua ocorrência, ou seja, são aqueles que são atribuídos aos produtos por aproximação, por algum critério de rateio. Por exemplo a mão de obra indireta que é representada pelo trabalho dos departamentos auxiliares nas indústrias ou prestadores de serviços, que não são mensuráveis em nenhum produto ou produto executado, assim também se faz matérias indiretas e outros custos indiretos.

Na prática, a separação de custos em diretos ou indiretos, além de sua natureza, leva em conta a relevância e o grau de dificuldade de medição. Por exemplo, o gasto de energia elétrica (força) é, por sua natureza, um custo direto; porém, devido às dificuldades de mediação do consumo por produto agrícola e ao fato de que o valor obtido através de rateio, em geral, pouco difere daquele que seria obtido com uma medição rigorosa, quase sempre é considerado como um custo indireto de produção. (CREPALDI, 2006, p. 101)

Segundo Crepaldi (2006, p.101) os custos indiretos dependem de cálculos, rateios ou estimativas para serem apropriados em diferentes produtos agrícolas. Portanto, são os custos que apropriados indiretamente aos produtos agrícolas, o parâmetro utilizado para as estimativas é chamado de base ou critério de rateio.

2.5.3 DESPESAS VARIÁVEIS

São aquelas despesas essenciais para o faturamento do negócio, estão diretamente vinculadas ao volume vendido ou produzido pela empresa em um determinado período.

Como despesa do período entendem-se todos os gastos não identificáveis com a cultura, não sendo, portanto, acumulados no estoque (culturas temporárias), mas apropriados como despesa do período. São as despesas de venda (propaganda, comissão de vendedores...), despesas administrativas (honorários dos diretores pessoal de escritório...) e despesas financeiras (juros, correção monetária...) MARION (2007, p.38).

Em outras palavras, quanto maior a venda, maiores serão essas despesas. As despesas variáveis mais comuns são as matérias-primas, impostos (como o ICMS), comissões de vendas, dentre outros.

De acordo com Crepaldi (2010, p. 07) Despesa: é o gasto que não está relacionado ao processo produtivo. São todos os demais fatores identificáveis na administração, financeiras e relativas as vendas, que reduzem a receita. A despesa afetará diretamente o resultado do exercício.

2.5.4 DESPESAS FIXAS

As despesas fixas, por outro lado são mais estáveis, os valores independem do que for produzido ou vendido. São as contas mensais que o empresário tem que pagar, como aluguel, luz, contador, funcionários, água, gás, telefone, etc. Apesar do salário de seus funcionários serem uma despesa fixa, haja vista o pagamento constante mensalmente, se a empresa trabalha com a política de comissão em vendas, estas despesas devem ser lançadas como despesas variáveis.

De acordo com Crepaldi (2010, p. 07) Despesas são gastos com bens e serviços não utilizados nas atividades produtivas e consumidos direta ou indiretamente para a obtenção de receitas, que provocam redução do patrimônio.

2.6 EXAUSTÃO

Exaustão é a redução do valor de investimentos necessários à exploração de recursos minerais ou florestais. Corresponde à perda de valor, decorrente da exploração de recursos minerais ou florestais ou de bens aplicados nessa exploração. É o reconhecimento do custo dos recursos naturais, durante o período em que tais recursos são exauridos ou extraídos.

Exaurir significa esgotar completamente. Em termos contábeis a exaustão se relaciona com a perda de valor dos bens ou direitos do ativo, ao longo do tempo, decorrentes de sua exploração (extração ou aproveitamento). Representa a perda de valor, pela utilização, de uma lavra, jazida ou reserva florestal. (CREPALDI, 2006 p. 140).

De acordo com Marion (2007, p. 65). Quando se trata de floresta própria (ou vegetação em geral), o custo de sua aquisição ou formação (excluído o solo) será objeto de quotas de exaustão, à medida que seus recursos forem exauridos (esgotados). Aqui, não se tem a extração de frutos, mas a própria árvore e ceifada, cortada ou extraída do solo: reflorestamento, cana-de-açúcar, pastagem etc.

2.7 DEPRECIAÇÃO

Segundo Ribeiro (2009, p. 242), depreciação é a diminuição parcelada do valor que sofrem os bens de uso da empresa, em decorrência do desgaste pelo uso, ação da natureza e obsolescência.

Quando trata-se de atividade agrícola, as Culturas Temporárias e as Permanentes, são relacionadas a exaustão. Mas para que a atividade agrícola se concretize alguns fatores são importantes para a realização dos trabalhos, uma delas a mão de obra é a principal, as máquinas e os implementos agrícolas, como tratores, colhedoras.

Segundo Ribeiro (2009, p. 242), contabilmente, depreciar consiste em considerar despesa, ou custo do período, uma parte do valor gasto na compra dos bens de uso da empresa.

Quando a empresa adquire um bem de duração não superior a um ano, o valor gasto na compra desse bem não estará sujeito à depreciação, devendo ser contabilizado diretamente como despesa operacional. Entretanto, cada um dos bens de consumo duráveis que serão utilizados pela empresa para desenvolver suas atividades normais por vários anos serão utilizados pela empresa para desenvolver suas atividades normais por vários anos serão depreciados ao longo do tempo de vida útil estimado para esse bem, permitindo que o valor gasto na sua aquisição seja distribuído proporcionalmente, visando a compor o custo ou valor das despesas dos exercícios durante os quais esse bem foi utilizado. (RIBEIRO, 2006, p. 242).

A depreciação ocorre motivada por vários fatores, dentre eles os desgastes ocorridos nos bens, oriundos de uso, ação do tempo quando expostos aos rigores das variações atmosféricas, como frio, calor, vento, entre outros, também ocorre pela obsolescência dos bens, por decorrência da evolução tecnológica.

De acordo com MARION (2007, p. 66) Conforme os conceitos apresentados, toda cultura permanente que produzir frutos será alvo de depreciação. Por um lado, a árvore produtora não é extraída do solo, seu produto final é o fruto e não a própria árvore. Um cafeeiro produz grão de café (frutos), mantendo a árvore intacta. Sendo uma lavoura de café classificada como ativo permanente de uma propriedade.

3 METODOLOGIA

Será realizado um estudo de caso na Chácara Sagrada Família, no Distrito de Terra Roxa, em Juína-MT, objetivando analisar os custos que ocorrem na propriedade, para obter o produto de sua fase final até a comercialização, em relação a mão de obra, custo da planta “muda”, insumos agrícolas, ferramentas e maquinários.

Assim, o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimento válido e verdadeiro – traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista. (MARCONI E LAKATOS, 2010, p. 66).

O estudo na propriedade ajudará o produtor à apurar suas despesas, fixas, variáveis e os custos na produção do café, em uma área de 4,84 Has, (quatro hectares e oitenta e quatro ares), no período de 36 meses, com início no ano de 2013, plantação e colheita no ano de 2016, e apurar a rentabilidade, proporcionando ao produtor um planejamento financeiro e econômico, para o mesmo.

3.1 QUANTO AOS FINS

Esse trabalho classifica-se pelo método qualitativo, sendo será analisado em uma única propriedade no município de Juína - MT e a coleta de dados e informações referentes ao custo na produção do café serão flexíveis e abertos, caracterizando assim o método qualitativo.

Na pesquisa qualitativa, primeiramente faz-se a coleta dos dados a fim de poder elaborar a “teoria de base”, ou seja, o conjunto de conceitos, princípios e significados. O esquema conceitual pode ser uma teoria elaborada, com um ou mais constructos. Desse modo, faz-se necessário correlacionar a pesquisa como o Universo Teórico. (MARCONI E LAKATOS, 2011, p. 272)

A pesquisa qualitativa, basicamente se define por conversa entre uma pessoa, “o entrevistador”, e a outra “o entrevistado”, ou outras como um pequeno grupo de pessoas ou um grupo de família. Nesse tipo de pesquisa a entrevista pode ser de forma aberta baseada em um tema em geral, neste caso o café, nos quais o entrevistador tem toda a flexibilidade para manipular a entrevista.

O objetivo de uma entrevista qualitativa é obter respostas sobre o tema ou problema investigado, e dessa forma concluir um laudo de dados e informações para auxiliar o entrevistador em suas tomadas de decisões referente ao tema pesquisado.

Segundo Marconi e Lakatos (2011, p. 273), a entrevista deve ser um diálogo espontâneo, porém profundo, aberto, cuidadoso, descartando perguntas muito diretas. Deve-se também evitar incomodar o entrevistado com perguntas tendenciosas. Diversas ferramentas são usadas a fim de conseguir informações importantes, como gravações, anotações, fotos, computadores para registrar os dados e assim concluir as informações necessárias para a realização do trabalho.

3.2 QUANTO AOS MEIOS

A elaboração deste trabalho compreende um “estudo de caso” dentro da propriedade, “pesquisa documental” referente às notas de entradas, para custear a lavoura nesse período de três anos, obter dados da colheita e para fundamentar o trabalho a “pesquisa bibliográfica”.

O estudo de caso foi realizado em uma parte separada da propriedade do Sr. Nivaldo Ferreira Fonseca, em Juína – MT, localizado cerca de 60 km do município, no Distrito de Terra Roxa, onde foi analisada a atividade rural, no plantio do café, com início em 2013. No decorrer do período, realizando as coletas de dados referente ao custo com mudas, mão de obra, adubação do solo, ferramentas, defensivos agrícolas, colheita, transporte, secagem e beneficiamento do café.

Pesquisa documental, foi realizada com base nas anotações do proprietário, dos custos decorrentes no cultivo da lavoura nesses três anos e as notas fiscais emitidas pelas lojas de insumos agrícolas, dos produtos utilizados na manutenção da Lavoura.

A pesquisa bibliográfica, base teórica deste trabalho, foi realizada buscando informações relevantes do assunto abordado por vários autores consagrados na área rural, possibilitando uma visão geral do assunto e temas que ajudaram a realizar a pesquisa e fundamentar o conceito de custos na produção do café.

4 ESTUDO DE CASO

4.1 CHACARÁ SAGRADA FAMÍLIA

A propriedade analisada para o estudo de caso fica cerca de 60 km da sede do município de Juína – MT, localizada no Distrito de Terra Roxa e tem como atividade principal o cultivo do café.

O Sr. Nivaldo Ferreira Fonseca é produtor de café na região à aproximadamente 20 anos, mudou-se de Tangará da Serra – MT para o município de Juína - MT no ano de 1996, em busca de melhorias e crescimento com sua família, desde então cultiva café na região e encontra-se satisfeito com os resultados alcançados desta atividade agrícola.

O Sr. Nivaldo, no decorrer dos anos, ao perceber a dificuldade em beneficiar o café, como secagem e descascamento, buscou melhorias para diminuir o custo do beneficiamento, implantou na propriedade “secadores industriais”, proporcionando a redução do tempo de secagem de “15 dias” para apenas “8 horas”, com capacidade de 25 toneladas de café verde a cada secagem, deixando o café pronto para a comercialização, tem como grande parceira a Procafé, de Tangará da Serra, que basicamente compra grande parte da produção da região.

4.2 CUSTO NA PRODUÇÃO DO CAFÉ

O estudo de caso foi realizado em uma parte separada da propriedade para melhor controle e exatidão dos resultados apurados.

A área analisada possui 4,84 hectares de terras, prontas para o plantio de café, com 48.400 metros quadrados, e capacidade de plantio de 8 mil pés de café, no modo tradicional da região, deixando os caminhos vicinais para o transporte do produto na fase final, ou seja, o escoamento dos grão para o beneficiamento.

O estudo de caso foi realizado através do controle dos custos da propriedade, por meio de coleta de dados, anotações e controle do capital investido na lavoura, no período de 36 meses, tempo necessário para a primeira produção do café, visto que a lavoura encontra-se formada e com capacidade de colheita de uma vez ao ano.

4.3 PLANTIO: 1º ANO / 2013

Tabela 1 Custos da Plantação

	Quantidade/Dias	Custo / Pé	Total
Mudas de café	8.000	R\$ 2,00	R\$ 16.000,00
Mão de obra	16 diárias / R\$ 70,00 cada	R\$ 0,14	R\$ 1.120,00
Adubos	8 sacas/ R\$ 110,00 sacas	R\$ 0,11	R\$ 880,00
Defensivos / MO	Média/Ano	R\$ 0,25	R\$ 2.000,00
Custos variáveis	Ferramentas/ Implementos agrícolas	R\$ 0,03	R\$ 300,00
Total	-----	-----	R\$ 20.300,00

Fonte: Elaborado pelo autor.

No primeiro ano é feito o plantio das mudas, compradas em viveiros da região ou, muitas vezes, feitas pelos próprios produtores, adequadas para o plantio direto ao solo.

O plantio é de forma manual por prestadores de serviços, contratados para esta função, plantou-se 8 mil pés de cafés, com a capacidade de produção de aproximadamente 20 quilos de café, em grão verde por pés, com uma perda estimada em 20% (vinte por cento) da sua capacidade total, perda considerada normal para a região devido ao clima, tendo em vista que em alguns anos as chuvas atrasam, o que afeta diretamente a produção do café.

Estima-se que cada pé de café produza suficientemente em no máximo quatro anos de produção, dessa forma sua depreciação completa acontece em 4 anos, com uma taxa de depreciação anual de 25%.

Para o plantio das mudas foram gastos 16 dias de trabalho, para um período de 8 horas/dia, uma pessoa com conhecimento e habilidade no trabalho consegue plantar aproximadamente 500 mudas em um único dia, com o valor da diária, cobrada na região em 2013, de R\$ 70,00 (setenta reais).

Utilizou-se adubo para uma melhor qualidade da lavoura, foram gastos 8 sacas de 50 quilos de adubos próprios para a plantação de café, custando R\$

110,00 (cento e dez reais) a saca, um custo por pé de R\$ 0,11 (onze centavos) de adubos para cada muda plantada.

Para manutenção da lavoura foram gastos, com defensivos agrícolas e mão de obra, aproximadamente R\$ 2.000,00 (dois mil reais) no primeiro ano, gastos no combate de ervas daninhas e pragas que prejudicam o desenvolvimento das mudas, dessa forma cada muda de café custou, no primeiro ano, R\$ 0,25 (vinte e cinco centavos) para manutenção. Ferramentas e implementos agrícolas também foram necessários para a manutenção da lavoura, com custo de R\$ 300,00 (trezentos reais), rateando para a lavoura, R\$ 0,03 (três centavos) corresponde cada pé plantado, valor que influencia muito pouco na apuração futura do resultado, pois a depreciação é muito longa.

Apura-se que cada hectare plantado de café tem o custo de aproximadamente R\$ 4.194,21 (quatro mil, cento e noventa e quatro reais e vinte e um centavos), que pode alterar em cada região conforme a variação dos preços das mudas, mão de obra e outros.

4.4 CUSTOS NA MANUTENÇÃO DA LAVOURA 2º ANO / 2014

Tabela 2 Manutenção da Lavoura

	12 Meses	Preço unitário	Custo / Pé	Total
Mão de obra	5 diárias mês	R\$ 70,00	R\$ 0,52	R\$ 4.200,00
Defensivos agrícolas	Média	-----	R\$ 0,25	R\$ 2.000,00
Adubos	8 sacas	R\$ 110,00	R\$ 0,11	R\$ 880,00
Custos variáveis	Diversos	-----	R\$ 0,03	R\$ 300,00
Total	-----	-----	-----	R\$ 7.380,00

Fonte: Elaborado pelo autor.

O segundo ano de atividade com a cultura em formação não exige muito trabalho por parte do produtor, visto que somente é praticada a manutenção da lavoura. A cada mês, durante o ano de 2014, foram pagos 5 dias de trabalhos para prestadores de serviço cuidar das pulverizações e desbrotas da lavoura, com custo de R\$ 70,00 (setenta reais) a diária. Foram pagas sessenta (60) diárias, no decorrer

do ano de 2014, um valor de R\$ 4.200,00, (quatro mil e duzentos reais) com o custo rateado por pé de R\$ 0,52 (cinquenta e dois centavos).

Para os custos com defensivos agrícolas, adubos e os custos variáveis da lavoura o produtor gastou, durante o ano, R\$ 3.180,00 (três mil, cento e oitenta reais), para manutenção, cerca de R\$ 0,39 (trinta e nove centavos) para cada pé de café.

Para a manutenção da lavoura cada hectare plantado de café tem custo de aproximadamente R\$ 1.524,79 (hum mil, quinhentos e vinte quatro reais e setenta e nove centavos), custo que pode alterar em cada região com a variação dos preços da mão-de-obra, defensivos agrícolas e custos variáveis.

4.5 CUSTOS MANUTENÇÃO DA LAVOURA 3º ANO / 2015

Tabela 3 Custo com Manutenção da Lavoura 3º ano.

	12 Meses	Preço unitário	Custo / Pé	Total
Mão-de-obra	5 diárias mês	R\$ 70,00	R\$ 0,52	R\$ 4.200,00
Defen. agrícolas	Média	-----	R\$ 0,25	R\$ 2.000,00
Adubos	8 sacas	R\$ 110,00	R\$ 0,11	R\$ 880,00
Custos variáveis	Diversos	-----	R\$ 0,03	R\$ 300,00
Total	-----	-----	-----	R\$ 7.380,00

Fonte: Elaborado pelo autor.

No terceiro ano os custos fixos, basicamente são os mesmos do ano anterior com a cultura formada, é necessária somente a manutenção. Por hectare foram apurados os mesmos custos, R\$ 1.524,79 (hum mil, quinhentos e vinte quatro reais e setenta e nove centavos), pois não houve aumento no valor da diária (mão de obra) e o produtor conseguiu os mesmos preços nos insumos agrícolas.

4.6 CUSTO COM COLHEITA

O processo de colheita, de forma manual é realizado por prestadores de serviço, e o custo com a colheita é pago no final de cada dia, pesando a quantidade de café que a pessoa colheu, usa-se como unidade de medida um tambor, com capacidade de 20 quilos. Então no final do dia todo o café colhido é juntado pela

pessoa e medido para ver a quantidade de tambores colhidos. Para cada “tambor” de café colhido o trabalhador recebe R\$ 2,50 (dois reais e cinquenta centavos). No final da colheita soma-se a quantidade de tambores que cada trabalhador colheu e é feito o pagamento.

No primeiro ano de produção a lavoura produziu 80% (oitenta por cento) do esperado, um total de 6.400 (seis mil e quatrocentos) tambores de café. Abaixo segue tabela de custo com colheita, transporte, sacarias e tambores.

Tabela 4 Custo com Colheita (2016)

		Preço / tambores	Total
Produção total	6.400 tambores	R\$ 2,50	R\$ 16.000,00
Transporte	Média	-----	R\$ 1.000,00
Custos	Sacarias / tambores	-----	R\$ 1.500,00
Total	-----	-----	R\$ 18.500,00

Fonte: Elaborado pelo autor.

No terceiro ano, embora foram apurados os custos da colheita, e também o custo da manutenção da lavoura, essencial para a apuração do resultado e verificar qual realmente foi a rentabilidade por hectare plantado no período de 36 meses. Na colheita foram apurados os seguintes dados de produção: a lavoura produziu cerca de 80% dos 100% da capacidade de produção, que seria 01 (uma) “lata” de café para cada pé, ou seja, 20 (vinte) quilos de café verde por pé.

A colheita do café é feita de forma manual, por prestadores de serviços, sem vínculo empregatício, são remunerados por quantidade de latas de café colhidas no dia.

A produção do café na propriedade totalizou 6.400 (seis mil e quatrocentas) tambores de café, ou seja 128.000 (cento e vinte e oito mil) quilos de café verde, para ser colhida cada tambor de café custou para o produtor R\$ 2,50 (dois reais e cinquenta centavos), resultando em um custo total, somente na colheita, de R\$ 16.000,00 (dezesesseis mil reais).

Dentro dos custos com colheita também há o transporte do café até o secador e a máquina para o beneficiamento, aproximadamente um quilometro da lavoura, com custo médio de R\$ 1.000,00 (hum mil reais) com fretes. Para o processo de colheita também foram calculados outros custos variáveis, gastos com sacarias, ferramentas e implementos, com valor de R\$ 1.500,00 (hum mil e quinhentos reais).

Após apurados todos os gastos com a colheita, totalizando R\$ 18.500,00 (dezoito mil e quinhentos reais), foi possível apurar o custo por hectare plantado, sendo R\$ 3.822,31 (três mil, oitocentos e vinte e dois reais e trinta e um centavos), rateando os custos totais com colheita, cada lata de café colhido chega a custar R\$ 2,89 (dois reais e oitenta e nove centavos).

4.7 CUSTOS COM BENEFICIAMENTO

Os custos com beneficiamento são mensurados através de porcentagens do total de sacas de café seco e beneficiado. A produção foi de 6.400 (seis mil e quatrocentos) tambores de café, cada tambor possui 20 (vinte) quilos de café verde, resultando em 128.000 (cento e vinte e oito mil) quilos de café. No processo de secagem e beneficiamento do café verde, cada 400 (quatrocentos) quilos de café verde corresponde à 60 (sessenta) quilos de café seco e beneficiado, pronto para ser vendido para as indústrias.

O café beneficiado é dividido em 60 (sessenta) quilos, armazenados em sacarias de estopa. A produção correspondeu à 320 (trezentas e vinte) sacas de café, prontas para serem comercializadas. Abaixo segue a tabela dos custos com secagem e beneficiamento e a porcentagem paga nesse processo.

Tabela 5 Custo com Beneficiamento

	Tambor	Kg	Kilos/ Ton	Kg/ saca	Sacas	3 % s/ as sacas	P. venda 09/16	Total
Secagem	6400	20	128	400k	320	9,6 sc	410,00	3.936,00
Beneficiar	-----	--	-----	-----	320	9,6 sc	410,00	3.936,00
								7.872,00

Fonte: Elaborado pelo autor.

O beneficiamento do café, utilizando o método de secagem com secadores, reduziu 14 (quatorze) dias de trabalho que seriam gastos com mão de obra em terreirões e cerca de 20 (vinte) dias de trabalho, dependendo das condições climáticas da região. Para secagem e o beneficiamento utilizando secadores e máquinas o produtor teve um custo de 3 % (três por cento) em cada processo.

Com a secagem e o beneficiamento do café verde, o produtor obteve um custo de R\$ 7.872,00 (sete mil, oitocentos e setenta e dois reais) para deixar o café pronto para ser comercializado, com a produção da lavoura de 320 sacas de café, com 60 kg cada.

4.8 APURAÇÃO DA RECEITA

Tabela 6 Receita

	Sacas	Preço de Venda 09/16	Receita Bruta
Receita	320	R\$ 410,00	R\$ 131.200,00

Fon

te: Elaborado pelo autor.

O produtor, com as atividades no período de 36 meses obteve uma Receita Bruta na área de 4,84 hectares de café de R\$ 131.200,00 (cento e trinta e um mil e duzentos reais). Com uma receita bruta, por hectare plantado, de 27.107,43 (vinte e sete mil, cento e sete reais e quarenta e três centavos).

4.9 DEPRECIAÇÃO

Antes de apurar o resultado de uma cultura permanente, é preciso analisar se a cultura será incluída no custo com exaustão ou depreciação. De acordo com Marion (2007, p.66) Conforme os conceitos apresentados, toda cultura permanente que produzir frutos será alvo de depreciação. Por um lado, a árvore produtora não é extraída do solo, seu produto final é o fruto e não a própria árvore. Um cafeeiro produz grão de café (frutos), mantendo a árvore intacta. Sendo uma lavoura de café classificada como ativo permanente de uma propriedade.

Uma pergunta natural que pode surgir neste momento é quanto à taxa de depreciação. E ela só pode ser respondida por agrônomos, técnicos e agronomia ou pelos próprios agricultores que conhecem a vida útil ou o número de anos de produção da árvore que varia não só em função do tipo de solo, clima, manutenção etc., mas também em virtude da qualidade ou tipo de árvore. MARION (2007 p.66).

De acordo com Marion (2007, p.67). Todavia, fique bem definido que a depreciação passa a incidir sobre a cultura após formada, nunca em formação, a partir da primeira colheita inclusive.

Tendo em vista que a propriedade adota os seguintes métodos de produção, após a cultura formada, o produtor mantém o pé de café a produzir por 4 anos seguidos. Nesta hipótese, os custos com aquisição, formação e manutenção da lavoura é depreciado em tantos anos quantos forem os de produção de frutos, ou seja, café.

Na Chácara Sagrada Família, os custos com aquisição, formação e manutenção da lavoura são rateados 25 % (vinte e cinco por cento) para cada ano que produzir. Segue na tabela abaixo:

Tabela 7 Depreciação 04 anos

		25% ao ano
Custo no plantio	20.300,00	5.075,00
Custo Manutenção 2º ano	7.380,00	1.845,00
Custo Manutenção 3º ano	7.380,00	1.845,00
Total	35.060,00	8.765,00

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tendo em vista um custo total para a formação da lavoura de 35.060,00 (trinta e cinco mil e sessenta reais), não é possível lançar tudo no primeiro ano, é feito então um rateio utilizando o método de depreciação para os quatro anos que a lavoura irá produzir. Então para o primeiro ano será lançado 25% do custo, no valor de 8.765,00 (oito mil, setecentos e sessenta e cinco reais).

4.10 APURAÇÃO DO RESULTADO

Utilizando o método de depreciação, segue abaixo tabela de custos incorridos até chegar à primeira colheita no período de 36 meses, com início em 2013 e término em 2016.

Tabela 8 Tabela de Custos 1º colheita.

	Total
Custo formação da lavoura	R\$ (8.765,00)
Custo Colheita	R\$ (18.500,00)
Custo Beneficiamento	R\$ (7.872,00)
Custo Total 1º Colheita	R\$ 35.137,00

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os custos com aquisição, formação e manutenção da lavoura será lançada sua fração de depreciação de 25 % (vinte e cinco por cento) que corresponde ao primeiro ano de produção, no valor de R\$ 8.765,00 (oito mil, setecentos e sessenta e cinco reais).

Para obter o produto em sua fase final, foram gastos R\$ 18.500,00 (dezoito mil e quinhentos reais), na realização da colheita e R\$ 7.872,00 (sete mil, oitocentos e setenta e dois reais), com beneficiamento do produtos, secagem e descascamento. No primeiro ano de colheita, foram apurados os custos no valor de R\$ 35.137,00 (trinta e cinco mil, cento e trinta e sete reais).

Tabela 9 DRE - SIMPLIFICADA

Receita	131.200,00
(-) Impostos ¹	0,00
= Receita Líquida	131.200,00
(-) Custos	(35.137,00)
Lucro Líquido	96.063,00

Fonte: Elaborado pelo autor.

No final do estudo de caso chega-se ao lucro líquido da propriedade, com 4,84 hectares plantado de café no modo tradicional, na região, com uma plantação de 8 mil pés. Neste período foram apurados, analisados, relatados todos os custos

¹ De acordo com art. 37 e 38 do Anexo VII do RICMS o produtor rural tem diferimento dos impostos sobre vendas.

decorrentes na produção, para atingir a fase final, ou seja, o café pronto para a comercialização nas indústrias da região

Após a apuração dos resultados, de forma geral, com todos os custos relacionados, foi possível mensurar a real capacidade de produção de uma pequena propriedade rural, tendo como cultivo a produção do café. Com os resultados apurados, a propriedade rural teve um lucro líquido de R\$ 96.063,00 (noventa e seis mil e sessenta e três centavos), de rentabilidade na área total de 4,84 hectares e R\$ 19.847,72 (dezenove mil, oitocentos e quarenta e sete reais e setenta e dois centavos) para cada hectare. Percebe-se também que cada muda de café adulto, no seu auge de produção, rende por pé R\$ 12,00 (doze reais).

Como o próprio produtor diz, a produção do café é um investimento a longo prazo, com retorno em 36 meses, mas se analisar bem, nos próximos 3 anos a lavoura produz anualmente a mesma capacidade do ano anterior dependendo das condições climáticas, então perde-se um tempo no começo, mas após a lavoura formada todo ano terá uma colheita.

4.11 CUSTO POR HECTARE

Tabela 10 Custo bruto por hectare

	Total	Has	Para cada hectare plantado / Custo
Custo Bruto	35.137,00	4,84	R\$ 7.259,71

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tendo como objetivo apurar a rentabilidade por hectare plantado, deve-se considerar os custos para obter uma visão geral, considerando todos os custos, desde, plantio, manutenção da lavoura, mão de obra, e outros, um custo total por hectare plantado de R\$ 7.259,71 (sete mil, duzentos e cinquenta e nove reais e setenta e um centavos).

4.12 RENTABILIDADE POR HECTARE

Tabela 11 Lucro Líquido por Hectare 1º ano

	Total	Hec	Para cada hectare plantado / lucro
Lucro Líquida	96.063,00	4,84	19.847,72

Fonte: Elaborado pelo autor.

O objetivo deste trabalho foi apurar a rentabilidade por hectare plantado. Após todos os levantamentos necessários pode-se afirmar que em uma pequena lavoura de café, utilizando os meios tradicionais da região, com a maior parte do processo de produção realizada de forma manual, a mão de obra para cada hectare de café, o produtor obteve um lucro líquido de R\$ 19.847,72 (dezenove mil, oitocentos e quarenta e sete reais e setenta e dois centavos), com uma receita bruta da venda do produto de R\$ 131.200,00 (cento e trinta e um mil e duzentos reais).

5 CONCLUSÃO

A contabilidade de custo, independente qual seja a atividade agrícola é um importante instrumento de controle, planejamento e gestão em uma propriedade rural, permitindo ao produtor mensurar o sucesso da propriedade e das atividades econômicas. O modo ideal, para qualquer processo produtivo, é aquele em que, dado o preço de mercado, seja possível cobrir os custos de produção, de comercialização e resultar numa rentabilidade significativa para o produtor.

Após realizado o estudo de caso, na Chácara Sagrada Família, pode-se concluir que o problema e os objetivos foram alcançados com sucesso, pois através de coleta de dados e informações com o produtor foram apurados os custos e a rentabilidade por hectare da propriedade.

Para responder ao problema e objetivo, foi analisado os custos de uma área separada da propriedade, com total de 4,84 hectares, com 8 mil pés de café. A propriedade no total obteve uma produção de 320 (trezentas e vinte) sacas de café, vendidas a preço de mercado, no mês de setembro do ano de dois mil e dezesseis, no valor de R\$ 410,00 (quatrocentos e dez reais) à saca, resultando em uma receita bruta de R\$ 131.200,00 (cento e trinta e um mil e duzentos reais). Portanto obteve um lucro bruto, por hectare, de R\$ 27.107,43 (vinte e sete mil, cento e sete reais e quarenta e três centavos).

Para responder aos objetivos foram utilizados os métodos de depreciação para lançar os custos com aquisição, formação e manutenção da lavoura.

A propriedade para chegar à fase final do produto, ou seja, o café pronto para a comercialização teve um custo por hectare de R\$ 7.259,71 (sete mil, duzentos e cinquenta e nove reais e setenta e um centavos) e um custo total de R\$ 35.137,00 (trinta e cinco mil, cento e trinta e sete reais).

O produtor ficou satisfeito com os resultados alcançados, a pequena propriedade teve uma rentabilidade, ou seja, lucro líquido, por hectare de café de R\$ 19.847,72 (dezenove mil, oitocentos e quarenta e sete reais e setenta e dois centavos), um lucro líquido total R\$ 96.063,00 (noventa e seis mil e sessenta e três reais).

O produtor encontra-se satisfeito devido a produção de café obter bons resultados em pequenas áreas de terras, com pouco investimento, diferente de outras culturas, como soja, milho, algodão etc.

Dessa forma, um resultado econômico satisfatório em uma propriedade rural depende ainda do investimento no pós-colheita, manutenção da lavoura para que a mesma volte a produzir com qualidade e com a mesma capacidade de produção, garantindo a rentabilidade para o produtor rural nos próximos anos e cultivo.

REFERÊNCIAS

CREPALDI, Silvio Aparecido. **Contabilidade de Custos**. 5. Ed - São Paulo: Atlas, 2010.

CREPALDI, Silvio Aparecido. **Contabilidade rural: uma abordagem decisória** 4. Ed. revista, atualizada e ampliada – São Paulo: Atlas, 2006.

FRANCO, Hilário, 1921. **Contabilidade Geral**. 23. Ed – São Paulo: Atlas, 1996.

FRANCO, Hilário. **Contabilidade Comercial**. 13. Ed. rev. e atual. São Paulo: Atlas, 1990.

IUDÍCIBUS, Sérgio de, 1995. **Contabilidade Gerencial**. 6. ed. – São Paulo: Atlas 1998.

LEONE, George Sebastião Guerra. **Contabilidade de custos** – 2. Ed – 4 reimpr. São Paulo: Atlas, 2006.

LEONE, George Sebastião Guerra. **Curso de Contabilidade de custos**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa: Planejamento e Execução de pesquisas; amostragens e técnicas; elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. Ed. São Paulo: 2010.

MARION, José Carlos. **Contabilidade Rural: Contabilidade agrícola, contabilidade da pecuária, imposto de renda pessoa jurídico**. 8. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO. **Indústria e Comércio Exterior**. Brasília: Distrito Federal. 19/11/2015. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=2&menu=3252>>. Acesso em: 27 fev. 2016.

MITSUI ALIMENTOS. **Mitsui Alimentos anuncia Investimentos em Mato Grosso**. 12/11/2004. Disponível em: <<http://mitsuialimentos.com.br/index.php?pg=noticia&id=363>>. Acesso em: 27 fev. 2016.

OLIVEIRA, Neuza Corte de. **Contabilidade do Agronegócio**. 1º Ed. Juruá, 2008.

PETROLI, Viviane. Produção de café em Mato Grosso deverá cair 23% devido ao clima. **Olhar Agro. Cuiabá**. Mato Grosso. 30/09/2015. Disponível em: <http://www.olhardireto.com.br/agro/noticias/exibir.asp?noticia=producao_de_cafe_e_m_mato_grosso_devera_cair_23_devido_o_clima&id=21190> Acesso em: 27 fev. 2016.

REVISTA CAFEICULTURA. **História Do Café No Brasil**. 15/07/2011. Disponível Em: <http://www.revistacafeicultura.com.br/index.php/envia_materia.php?mat=40384>. Acesso em: 27 fev. 2016.

RIBEIRO, Osni Moura. **Contabilidade Geral Fácil**. 5.ed. ampl. e atual. São Paulo: Saraiva, 2009.

SANTOS, Joel J. **Análise de custo**: recomendado como ênfase para sistema de custeio marginal, relatório e estudo de caso. 4 ed. – São Paulo: Atlas, 2005.

SCHMIDT, Paulo; SANTOS, José Luiz dos; FERNANDES, Luciane Alves. **Contabilidade Internacional Avançada**. 2. ed. – São Paulo: Atlas 2007.